

ENTRE A ARTE E A ETNIA: O EPISTEMICÍDIO COMO FERRAMENTA DE TERCEIRAÇÃO DO LUGAR DA MULHER NEGRA

ALAN CAETANO CANDIDO¹; NEIVA MARIA FONSECA BOHNS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – alanccandido1@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bohnsventos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca reunir noções de pensadores que identificaram na banalidade dos sistemas sociais, uma tentativa de dominação das etnias e culturas subordinadas frente as de maior poder. Pretendemos, dessa forma, estruturar o conceito de epistemicídio com o intuito de relacionar o apagamento de saberes e costumes ao processo de marginalização social da mulher negra no Brasil.

Em *Construindo as Epistemologias do Sul* (2018), Boaventura de Sousa Santos busca observar os movimentos do imperialismo cultural para compreender de que forma os saberes e as contribuições sociais e culturais não assimiladas pela cultura branca foram destruídos na trajetória histórica da modernidade ocidental. À vista disso, o autor levanta dois questionamentos: se “após séculos de trocas culturais desiguais, será justo tratar todas as culturas de forma igual?”, e, se “será necessário tornar impronunciáveis algumas aspirações da cultura ocidental para dar espaço à pronunciabilidade de outras aspirações de outras culturas?” Em seguida, o autor responde:

“paradoxalmente — e contrariando o discurso hegemônico — é precisamente no campo dos direitos humanos que a cultura ocidental tem de aprender com o Sul global para que a falsa universalidade atribuída aos direitos humanos no contexto imperial seja convertida numa nova universalidade, construída a partir de baixo, o cosmopolitismo subalterno e insurgente (p. 129).”

Na dinâmica inclusiva do multiculturalismo, as culturas dominantes, tidas como completas, participam dos diálogos interculturais sem o risco de serem absorvidas por outras, também incluídas nesse rol de poder cultural. Essa suposta incompletude cultural seria, segundo o autor, “o instrumento perfeito de hegemonia cultural e, portanto, uma armadilha quando atribuída a culturas subordinadas (p. 129).” Santos aplica esse raciocínio ao processo de extermínio das culturas não-ocidentais empreendido pela cultura ocidental. Segundo ele,

“é este o caso de muitas culturas dos povos indígenas das Américas, da Austrália, da Nova Zelândia, da Índia, etc. Estas culturas foram tão agressivamente amputadas e descaracterizadas pela cultura ocidental que recomendar-lhes agora a adoção da ideia de incompletude cultural, como pressuposto da hermenêutica diatópica, é um exercício macabro por mais emancipatórias que sejam as suas intenções” (pp. 129-130).”

Dentre as culturas invisibilizadas, está a negra. De maneira geral, a essência negra foi forjada de tal maneira, que a humanidade do sujeito negro foi reduzida à condição de objeto.

Em *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (2005) Sueli Carneiro (1950) lança um olhar sobre a realidade social em que o negro vive no Brasil. A autora se baseia nas considerações de Michel Foucault (1926-1984), para definir o conceito de “dispositivo”. Carneiro busca investigar se é possível tomar a racialidade como dispositivo de poder, tal como concebido por Foucault para o caso da sexualidade. Para Foucault, um dispositivo é sempre um dispositivo de poder por constituir múltiplos elementos que se relacionam entre si e atendem uma urgência histórica: (...) discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são elementos do dispositivo” (Foucault, 1979, p. 244 apud. Carneiro, 2005, p. 38)

No decorrer do texto, uma imagem relacionada aos dispositivos racial e de sexualidade, será apresentada. Logo, me basearei nas considerações de Djamilla Ribeiro e Grada Kilomba para abordar o conteúdo presente nela, me dirigindo por fim, à conclusão dos pensamentos aqui ensaiados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Sueli Carneiro (p. 40), Michel Foucault encontrou na formação familiar burguesa os vestígios de uma estratégia de classe, quando um determinado domínio demarcava sua identidade ao mesmo tempo que cunhava um projeto político, controlando, essencialmente, a sexualidade enquanto reprodução da classe social. Tal estratégia procurava problematizar a sexualidade infantil e adolescente enquanto gênero, atribuindo à sexualidade feminina possíveis patologias fundadas a partir de concepções construídas pelos dispositivos. Logo, “psiquiatrização e medicalização correspondem, assim, aos campos epistemológicos construídos pelo dispositivo de sexualidade, os saberes que o sustentaram e foram por ele sustentados.” (p. 41).

Carneiro considera que, a operação do dispositivo abrange também a racialidade, havendo, portanto, um não-dito na formulação de Foucault que é a imbricação do dispositivo de sexualidade com o de racialidade, abrangendo este um território mais vasto do que o de sexualidade, pelo estatuto que tem nele a cor da pele.” (p. 42)



Imagem 1. “Muitas vezes, nos dizem que nós somos discriminados porque somos diferentes. Isso é um mito. Não sou discriminada por ser diferente, mas me torno diferente justamente pela discriminação que sofro.” Disponível em: <<https://graceivo.weebly.com/blog/a-arte-e-a-questao-racial-entrevista-com-a-artista-grada-kilomba>> Acesso em: 29 de jun. 2022.

A artista interdisciplinar Grada Kilomba em “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”, de 2010, refere-se ao “Outro do Outro” para falar da categoria que as mulheres negras ocupam. O conceito empreendido por Kilomba reúne elementos como raça, gênero e poder para localizar o lugar em que o homem e a mulher negra se encontram frente ao homem e a mulher branca, hierarquicamente (p. 56).

Djamilla Ribeiro, ao interpretar o raciocínio de Kilomba, sintetiza a terceirização da mulher negra estabelecendo conexões mais diretas com o contexto social brasileiro, o que detalha melhor a forma com que esse conceito opera na prática. Para a autora “é necessário enfrentar essa falta, esse vácuo, que não enxerga a mulher negra numa categoria de análise” (p. 38). Ainda, segundo ela,

“Kilomba sofisticava a percepção sobre a categoria do *Outro*, quando afirma que mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam

um lugar muito difícil na sociedade supematista branca, uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. Por esse ponto de vista, percebe o status das mulheres brancas como oscilantes, pois são mulheres, mas são brancas; do mesmo modo, faz a mesma análise em relação aos homens negros, pois esses são negros, mas homens. Mulheres negras, nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, e exerceriam a função de *Outro do Outro*.” (p. 38).

CONCLUSÕES

Concluimos, portanto, que é possível pensar a marginalização social à qual a mulher negra é submetida a partir da intersecção dos dispositivos de racialidade e de sexualidade. Nesse contexto, a submissão do feminino em relação ao masculino se daria pela forma objetificada em que o homem entende a existência da mulher. Sendo o homem branco o sujeito padrão dessa associação, resta a mulher a posição arbitrária enquanto ser, o que consequentemente a impede de ser definida por si mesma, mas “em relação ao homem e através do olhar do homem” (Ribeiro, p. 35) – principalmente quando a mulher em questão é negra. Logo, de modo geral, o domínio do branco sobre a cultura, a moral e o corpo do negro, impõem à mulher negra a condição de *outro do outro* na dinâmica ontológica do ser: aquela que não é homem; aquela que não é branca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 22 ago. 2022.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. *Construindo as Epistemologias do Sul*. Antologia esencial: Volume II: Para um pensamento alternativo de alternativas / Boaventura De Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses... [et al.] - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. V. 2, 746 p.; 20 x 20 cm - (Antologías del Pensamiento Social Latinoamericano y Caribeño / Gentili, Pablo). Disponível em: <[Construindo as Epistemologias do Sul Vol 2.pdf \(uc.pt\)](#)> Acesso em: 15 de jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

KILOMBA, Grada. *Plantations Memories: Episodes of Everyday Racism* (Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano) – 2nd Editions – Editora Unrast: Verlag, Münster; 2010. Disponível em: Acesso em: 09 de nov. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. – 7ª reimpressão – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.